

# O Engajamento Intelectual como Travessia dos Tempos em Ruína

## *The Intellectual Engagement as a Passing Through of Ruined Times*

**Bárbara Breder Machado**

Prezadas(os) leitoras(es), temos o prazer de publicar mais um número da revista ECOS que, através destas páginas, contribui para o fortalecimento de norteadores democráticos, de direitos humanos e de fomento das políticas públicas, visando a defesa de um país plural e diverso. Bem situado na compreensão de que a produção de conhecimento é, também, via de disputa de poder e colabora na construção e na gestação de novos horizontes.

Nesta edição, temos o privilégio de apresentar a compilação de artigos que articulam de maneira ímpar aspectos teóricos e posicionamento político de leitura crítica do tempo presente, lançando assim norteadores de resistência e de travessia do duro momento que vivemos.

Orgulha-nos poder organizar nestas páginas a produção intelectual de autoras(es) implicadas(os) com o tempo presente e atentos a (com)fiar com o futuro porvir.

A abertura do presente número segue a sequência de ensaios da sessão “O que é ser contemporâneo (a) hoje?”. Tabata Berg e Márcio Farias nos brindam com a uma análise interseccional, convocando-nos à reflexão sobre a subalternidade como valor indenitário politicamente autodeterminado, e reorganizando as disputas de poder e dominação vigentes. Como estratégia e efeito da entrada coletiva de grupos subalternos no campo científico, via políticas públicas, reivindicam que a produção científica se comprometa com seu tempo e com questões agudas e urgentes, como o epistemicídio cronificado dos povos originários, da população negra, dos grupos atravessados pelas intersecções de gênero, de sexualidade dentre outras. O ensaio dialoga diretamente com os artigos subsequentes que destrincham, cada um a seu modo a importância das políticas públicas para a construção e a manutenção de um projeto de país democrático e diverso.

Em “Família, Ética e Justiça: uma hermenêutica dos ativismos políticos contemporâneos” de Caio Monteiro Silva, João Vítor Moreira Maia e José Célio Freire acompanhamos o argumento de disputa sobre o “estatuto de família” entre conservadores e libertários e de que modo esta impacta nas políticas públicas psicossociais, e nas instâncias jurídicas e educacionais.

O tema do conservadorismo também é abordado no artigo “Apontamentos genealógicos sobre a criminalização da maconha no Brasil: das bases históricas aos desdobramentos atuais”. No qual Mateus Alexandre Pratas Rezende e Daniele de Andrade Ferrazza discutem o imaginário construído sobre a maconha, sustentado pelo racismo estrutural, e, a partir da perspectiva genealógica, apresenta o processo sócio-histórico de estigmatização em torno da cannabis e seu uso político e disputa de poder engendrada pelo conservadorismo na perspectiva higienista.

**Bárbara Breder Machado**

**Universidade Federal Fluminense**

Professora do Departamento de Psicologia UFF/ESR.  
Coordenadora do Laboratório de Psicanálise, Política, Cultura e Estudos de Gênero - PPCEG/UFF. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Saúde Mental UFF/ISNF. Doutora em Ciência Política - PPGCP/UFF.

[barbarabreder@id.uff.br](mailto:barbarabreder@id.uff.br)

O conceito de poder é destrinchado por André Luiz dos Santos Paiva no artigo “Resistências performativas e políticas pós-identitárias”, no qual a concepção produtiva das relações de poder e sua articulação com a liberdade e a transgressão é abordada. O texto nos convida a pensar as lutas como intrínsecas às relações de poder e, por isso mesmo, modificáveis.

No artigo “Rualização: vivências de pessoas em situação de rua” de Lucas Schweitzer e Suzana da Rosa Tolfo, o protagonismo de fala às pessoas em situação de rua, a partir das narrativas daqueles que estão nesta condição de vulnerabilidade, faz o enfrentamento da objetificação destes corpos. E desconstrói a homogeneização essencializada na condição marginal, abrindo reflexões sobre a multicausalidade dos processos de vulnerabilidade social. Ao destacar os processos singulares associados aos macroestruturais, apresenta a complexidade desse fenômeno.

De maneira similar, o artigo de Josimeire Conceição Faria Gaipo, Mireny Barbosa Gomes Fonseca, Cláudia Ferreira Melo Rodrigues e Nívea de Fátima Gomes: “Reencontro da subjetividade no idoso institucionalizado através das oficinas terapêuticas” busca conferir as condições de produção singular, através de oficinas terapêuticas, como enfrentamento da cronificação, que compromete a qualidade de vida dos idosos.

No artigo, “Eu é sempre um outro. Literatura menor e produção de subjetividade”, Manolo Kottwitz e Murilo Cavagnoli nos convocam a pensar sobre a criação literária e os modos de existência, através do encontro com as lentes da esquizoanálise, levando a reflexões sobre a criação e a dimensão política no fazer das artes.

O presente número conta ainda com duas excelentes entrevistas. A primeira realizada por Tadeu Lucas de Lavor Filho, Jose Alves de Souza Filho e Monalisa Silva Xavier com Luciana Lobo de Miranda, doutora em psicologia da PUC-RJ e professora titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, que versa sobre aspectos da pesquisa intervenção e da Psicologia escolar/educacional. Ressalta-se a politização da produção do conhecimento ao implicar na cena os agentes sociais na construção do conhecimento.

Na segunda entrevista deste número: “Conversações com Marília Muylaert: o cuidado de si em tempos de crise”, realizada por Camila Cristina de Oliveira Rodrigues, a professora nos convida a refletir sobre o cuidado de si em tempos de crise. Através de suas colocações, convoca a potência da possibilidade de fabulação de novos mundos e a positividade da vida como modos de enfrentamento das forças fascistas destes tempos duros e daquelas que (também) nos habitam. Destaca-se a assertiva que o cuidado de si é revolucionário.

O artigo de Adriano Rozendo, Andréia Isabel Giacomozzi e Marieli Mezari Vitali “Representações Sociais sobre a Caravana de Migrantes da América Central” versa sobre o fenômeno da migração e da construção de estereótipos históricos sobre os povos latinos e suas nações através de análise de discurso e das crenças da extrema direita mundial, veiculado nas redes sociais.

No artigo “Explorando os sentidos subjetivos das carreiras de recém-formados gestores”, Rafaella Cristina Campos, Mônica Carvalho Alves Cappelle, Marina Alvarenga Botelho e Luiz Henrique Rezende Maciel, refletem sobre a precarização do trabalho, a flexibilização dos direitos trabalhistas e os desdobramentos subjetivos e sentidos dado as trajetórias do recém-gestor em face as novas relações de trabalho na sociedade pós-moderna.

Flávia Bonfim nos brinda com um texto inédito e corajoso sob o título “O conceito de falo na psicanálise... Ainda?”. E questiona se o conceito de falo, tão caro a psicanálise, ainda é útil para explicar a sexualidade no

século XXI, com as transformações e questionamentos que o feminismo produz na atualidade.

E, fechando este número, está o artigo “O político como real lacaniano em Stavrakakis”. O texto de Adriano Lourenço da Silva e Marcus André Vieira versa sobre as contribuições da psicanálise para o campo da ciência política, trazendo à baila o conceito de real lacaniano, impossível de ser representado (e, por isso, que não cessa de se reescrever) como recurso de compreensão do que estabiliza a prática convencional da política representativa. E, deve ser levado em conta para a sustentação do caráter democrático e da diferença.

Por fim, destaco a importância de reafirmar a indissociabilidade das reflexões acadêmicas e seu caráter político, principalmente em nosso tempo quando vivenciamos ataques viscerais à democracia e às políticas públicas. Quando “tudo aqui parece em construção e já é ruína”.

Sem mais me estender, termino o editorial do presente número. Desta forma, só me resta convidar as leitoras(es) a tomar a leitura dos artigos aqui expostos para usufruírem da maravilhosa capacidade humana de produção de sentido. E, desta forma, desejar e fabular saídas possíveis deste tempo em ruínas.

Boa recepção!

Bárbara Breder Machado